



DOSSIÊ

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: UMA ANÁLISE SOBRE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Ecleide Cunico FURLANETTO

Universidade Cidade de São Paulo - UNICID

São Paulo, São Paulo - Brasil

eclidean@terra.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-1326-3075> 

Cristiane Nobre NUNES

Universidade Cidade de São Paulo - UNICID

São Paulo, São Paulo - Brasil

crisnonu@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9080-9780> 

Ivanice Nogueira de Carvalho GONÇALVES

Universidade Cidade de São Paulo - UNICID

São Paulo, São Paulo - Brasil

nicinhancg@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5969-9563> 

RESUMO: O presente texto pauta-se em pesquisa qualitativa, cuja intenção foi analisar, por meio de narrativas, experiências que impactaram professores em processo de formação. Para isso, exploramos o conceito de experiência e situamos as narrativas autobiográficas como possibilidade de formação, dialogando com autores, como Peter Alheit (2006), Pierre Dominicé (2006), Josso (2007, 2010) e Christine Delory-Momberger (2010, 2012), entre outros. Os resultados nos possibilitam dizer que as narrativas de vida se constituem uma chave potente para a formação. A ação sobre si mesmo desencadeia processos complexos de significação e interpretação que questionam os quadros de referência até então utilizados para balizar a vida, favorecendo a produção de novos saberes que por si só provocam novas orientações biográficas, assentadas em uma maior autonomia adquirida com base no autoconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa (auto)biográfica. Formação de professores. Narrativas. Experiências formativas.

AUTO) BIOGRAPHICAL RESEARCH: AN ANALYSIS ON TRAINING EXPERIENCES

ABSTRACT: This text is based on qualitative research, whose intention was to analyze, through narratives, experiences that impacted teachers in the training process. For this, we explore the concept of experience and situate autobiographical narratives as a possibility of formation, dialoguing with authors such as Peter Alheit (2006), Pierre Dominicé (2006), Josso (2007, 2010) and Christine Delory-Momberger (2010, 2012), between others. The results allow us to say that life narratives are a powerful key to training. The action on oneself triggers complex processes of meaning and interpretation that question the frames of reference used until then to guide life, favoring the production of new knowledge that in itself provoke new biographical orientations, based on a greater autonomy acquired based on the self knowledge.

KEYWORDS: (auto)biographical research. Teacher training. Narratives. Formative experiences.

INVESTIGACIÓN (AUTO)BIOGRÁFICA: UN ANÁLISIS DE EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN

RESUMEN: Este texto se basa en una investigación cualitativa, cuya intención fue analizar, a través de narrativas, experiencias que impactaron a los docentes en el proceso de formación. Para isso, exploramos o conceito de experiência e situamos as narrativas autobiográficas como possibilidade de formação, dialogando com autores, como Peter Alheit (2006), Pierre Dominicé (2006), Josso (2007, 2010) e Christine Delory-Momberger (2010, 2012), entre otros. Los resultados nos permiten afirmar que las narrativas de vida son una poderosa clave para la formación. La acción sobre uno mismo desencadena complejos procesos de significación e interpretación que cuestionan los marcos de referencia utilizados hasta el momento para marcar la vida, favoreciendo la producción de nuevos conocimientos que provocan en sí mismos nuevas orientaciones biográficas, basadas en una mayor autonomía adquirida a partir del autoconocimiento.

PALABRAS-CLAVE: Investigación (auto)biográfica. Formación de profesores. Narrativas. Experiencias formativas.

INTRODUÇÃO

“nós não fazemos a narrativa de
nossa vida porque nós temos uma história;
nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida.”

DELORY-MOMBERGER. 2006, p. 363

As narrativas fazem parte de nossas vidas, sendo um recurso importante de interação, comunicação e expressão. Desde pequenos somos embalados com as histórias que os adultos nos contam e muito cedo, começamos, mesmo ainda sem possuir palavras suficientes, a contar nossas próprias histórias. São elas que nos acompanham durante nossas vidas e vão costurando nossas experiências atribuindo sentido ao vivido, permitindo assim que sejamos nós mesmos ao coabitar o mundo dos homens. Uma narrativa coloca em cena diferentes atores que participaram de acontecimentos, encontros, atividades, e conjuntamente, compõem dramaturgias pessoais e coletivas que articulam pontos de vista sobre o vivido.

As narrativas fazem parte de nossas vidas, sendo um recurso importante de interação, comunicação e expressão. Desde pequenos somos embalados com as histórias que os adultos nos contam e muito cedo, começamos, mesmo ainda sem possuir palavras suficientes, a contar nossas próprias histórias. São elas que nos acompanham durante nossas vidas e vão costurando nossas experiências atribuindo sentido ao vivido, permitindo assim que sejamos nós mesmos ao coabitar o mundo dos homens. Uma narrativa coloca em cena diferentes atores que participaram de acontecimentos, encontros, atividades, e conjuntamente, compõem dramaturgias pessoais e coletivas que articulam pontos de vista sobre o vivido.

Vivemos em uma sociedade em constante mudanças, aceleradas pelas tecnologias de informação que estão produzindo verdadeiras revoluções nas formas de ser, estar e relacionar das pessoas, que no dizer de Bauman (2007), têm diluído o que era considerado sólido e duradouro. Instituições, ora, estáveis como: família, escola, igrejas e corporações foram abaladas e se antes forneciam modelos para a constituição das subjetividades modernas, nas sociedades, ditas Pós-modernas, líquidas, aceleradas e mutáveis, elas não cumprem mais esse papel, a estabilidade da idade adulta ora desejada, não pode ser alcançada (BAUMAN, 2007).

Os desafios das sociedades contemporâneas fazem do adulto um peregrino na medida que: “colocam o adulto na situação de aprendiz perene, de estudante perpétuo; em contrapartida, fazem dele um educador transitório, professor falível, modelo precário”. (BOUTINET, 1999, p.7). Ele nunca está pronto como se acreditava nas sociedades anteriores. Estas mudanças afetam os projetos de vida dos sujeitos que frente a um mercado de trabalho que vem se desregulamentando e flexibilizando de maneira imprevista, são impelidos a assumir a governança de sua carreira assim como de sua vida.

Para isso, cabe ao sujeito saber de si. E como se reconhecer em meio a tantas transformações? Como Dubar (2005), ousamos afirmar que isso se torna possível ao contar nossas histórias, pois somos a história que contamos sobre nós mesmos, receptáculo de experiências que marcaram nossas vidas. Passegi (2011, p. 148) alerta que ainda são raras, entre as pesquisas com fontes autobiográficas, “aquelas que investigam a ressignificação da experiência no ato de narrar a própria vida. ” O que nos estimula a colaborar para preencher esta lacuna.

Neste texto, temos como objetivo principal analisar as narrativas de experiências formativas vivenciadas por pós-graduandos que participaram de um ateliê de pesquisa/formação que ocorreu no Pós-graduação em Educação de uma Universidade. Os participantes foram estimulados a narrar experiências que marcaram seus processos formativos. Para isso, propomos, inicialmente, dialogar com autores que abordam as temáticas: narrativa, formação e experiência, para pensar em modos de compreender o lugar da experiência nos processos formativos. Na sequência, descrevemos o itinerário metodológico percorrido. Dando continuidade, analisamos as narrativas dos participantes da pesquisa. Por fim, tecemos algumas considerações sobre as experiências marcantes narradas e interpretadas pelos depoentes.

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: NARRATIVAS DE PESQUISA E FORMAÇÃO COMO FORMA DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

A utilização das narrativas nas ciências humanas propõe uma revisão nas estruturas que dão sustentação à produção de conhecimento ao promover abertura para as investigações interpretativas que põem à mostra os modos de vida singulares e culturais. Rompe com o paradigma da ciência clássica, pautada na universalidade e neutralidade, abrindo espaço para a compreensão de novas epistemologias, marcadas por conhecimentos e saberes plurais, contextualizados e situados.

Por meio das narrativas, contamos de maneira comum, algo que nos diz respeito ou ao grupo que pertencemos. Bohnsack, (2020, p.117-118) reforça o que afirmamos ao dizer que: "Narrativas são a expressão de experiências próprias, isto é, recorreremos a elas como meios de comunicação sempre que se trata de compartilhar algo que nós mesmos experimentamos".

No que tange às pesquisas que apoiam em narrativas, cabe ressaltar que:

Os conceitos de narrativa, história, biografia, são cada vez mais usados por investigadores nas ciências sociais e em educação. A investigação pela narrativa está, em todas as suas diferentes manifestações, profundamente implicada em conflitos contemporâneos relacionados com teoria, metodologia e política educativa. (GALVÃO, 2005, p.329),

As investigações com foco nas trajetórias dos sujeitos acessam seus interesses e experiências tornando mais nítido como ocorrem os processos de subjetivação. Na medida em que se relata por meio da escrita, da oralidade ou de outras formas, fragmentos de uma história, num determinado tempo, espaço, desencadeiam-se processos de ressignificação sobre situações e experiências vivenciadas. Desse modo, a narrativa, em vez de ser uma lembrança acabada de uma experiência, ela a reconstrói à medida que é narrada.

Para Delory-Momberger (2012), o sujeito revela sua forma de se relacionar com o mundo por meio de sua narrativa de vida em episódios com início, meio e fim. Neste processo de biografar-se, aciona suas potencialidades mentais, comportamentais e verbais para inscrever suas experiências e ações no tempo. "Essa é, então, a singularidade que a pesquisa biográfica se dá por tarefa apreender, mas não é uma singularidade solipsista, é uma singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais" (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

A pesquisa (auto)biográfica além de se apresentar como método e objeto de pesquisa, pode se tornar um potente dispositivo de formação, abrindo espaço para que os sujeitos realizem um trabalho sobre si mesmos. Isso ocorre por revelarem formas e sentidos variados de existir individual ou coletivo, evidenciarem e

questionarem memórias, continuidades e rupturas construídas por meio da experiência, as narrativas de si. Segundo Josso (2007), ao narrar e compartilhar seus posicionamentos, ações, os indivíduos explicitam que cada processo de formação é único, marcado por experiências que deixam marcas distintas em cada sujeito.

Ao refletir acerca da concepção experiencial da formação na sua dimensão existencial é possível estabelecer relação com a constituição de subjetividades, trazendo à luz a história de vida, experiências refletidas e conscientizadas, integrando as formas de ser no mundo com os registros de expressões, competências diversas e posições existenciais.

Torna-se necessário reconhecer que múltiplos sujeitos integram a construção do espaço educacional, passamos a refletir sobre a formação docente como resultado de uma pluralidade de experiências e saberes multirreferenciados, tornando a prática educativa uma “experiência aprendente irreduzível de sujeitos culturais” (MACEDO, 2015, p.745). Na perspectiva de Josso (2007, p. 419):

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

O estabelecimento de uma ligação entre os “momentos biográficos escolhidos como significativos e a da interpretação, que participam diretamente da invenção de si” com a formação do professor é possível “sobretudo porque os sinais, as marcas, os símbolos que devem representar o autor em sua dinâmica global ou numa das dimensões de seu ser no mundo são polissêmicos” (JOSSO, 2007, p. 434). O que nos leva a buscar memórias num olhar retrospectivo sobre nós mesmos num movimento de narrar biográfico.

A EXPERIÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO

Existe uma relação intrínseca entre narrativa e experiência, posto que por meio das narrativas vamos ao encontro das experiências que deram um colorido mais forte às nossas vidas e teimam em invadir nossa consciência provocando novas produções de sentido.

Ao dialogarmos com Alheit e Dausien (2006, p. 179) encontramos a definição de aprendizagem como um “processo altamente organizado da perlaboração, da ligação e da (trans)formação dos primeiros processos de aprendizagem em uma figura biográfica de experiências”. Observamos que as experiências de aprendizagem não ocorrem em determinados tempos e espaços, elas permeiam a vida dos sujeitos desde seu nascimento até os instantes finais de sua vida.

Desde nossos primeiros passos e de nossas primeiras palavras até a nossa idade mais avançada, fazemos experiências novas, adquirimos novos saberes e novas competências. Somos quase tão inconscientes do modo que temos de aprender, quanto do fato de respirarmos. (ALHEIT, DAUSIEN, 2006, p. 177)

A aprendizagem biográfica expande a ideia de formação esclarecendo que ela engloba inúmeras experiências vividas nos mais diferentes contextos e ambientes. As aprendizagens podem ocorrer de maneira formal, informal ou não-formal, como afirma Alheit e Dausien (2006), elas contribuem para delinear as representações biográficas interpretativas que cada sujeito produz ao narrar e qualificam as formas de interpretar as experiências narradas, produzindo sentido biográfico.

Para Larrosa (2002), a experiência é: “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. O sujeito da experiência é alguém que foi alcançado pelo que viveu, logo não se pode falar de experiência sem incluir a paixão, pois é ela que provoca, desloca e o obriga a pensar de um outro lugar: do de quem é capaz de ser tocado pela vida. A experiência agrega sentido, o que faz com que efeitos sejam produzidos, que haja efetiva transformação do ser e da realidade que nos cerca.

A experiência parece pertencer a um outro tempo que não se refere à khrónos, Deus que na cultura grega representa o tempo cronológico e sequencial que pode ser medido, mas a kairós, seu filho que, por sua vez, diz respeito a um outro tempo, não linear, que não pode ser medido nem cronometrado, tempo marcado por momentos oportunos únicos, especiais e memoráveis.

Para Pieri (2000), a experiência é uma oportunidade que se oferece ao Eu de encontrar-se, verdadeiramente, com o mundo, tanto com o mundo externo, como com o interno. Uma experiência questiona e desestabiliza um conhecimento instituído e nessa perspectiva provoca o alargamento da consciência, ao possibilitar que algo novo seja dito.

Nesse sentido “experiência” torna-se um verdadeiro e próprio termo de trânsito, ou uma ponte que exprime a instituição de uma linha de confim sobre a qual o sujeito e o objeto [...] vindo a distinguir-se e a coincidir, verdadeiramente se constituem (PIERI, 2000, p.191)

Logo, a experiência se constitui um território de passagem, um espaço transicional que possibilita que o sujeito se encontre com o objeto e possa situá-lo. Ao elaborar esse encontro o sujeito se transforma bem como o objeto, por ele ressignificado, o que propicia a produção de novos saberes.

Além de viver a experiência, é possível transmiti-la por meio das narrativas biográficas. Lima e Batista (2013) explicitam que compartilhar a experiência implica um trabalho artesanal, que provoca uma transformação da própria subjetividade. Falar da própria experiência formadora é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, o valor que se atribui ao processo vivido na continuidade temporal do nosso ser. (JOSSO, 2010)

TRAÇADO METODOLÓGICO

A pesquisa apoiou-se nos princípios da pesquisa (auto)biográfica e foi utilizado como procedimento de constituição de dados, a produção escrita de narrativas sobre as experiências formadoras. Os participantes da pesquisa foram oito alunos do Programa de Pós-graduação de Programa em Educação qu participaram de um ateliê de pesquisa/formação.

Abaixo segue um quadro com o perfil dos participantes. Cumpre destacar que os nomes são fictícios e todos concordaram em participar da pesquisa e para isso assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Quadro 1: perfil dos estudantes.

Nome	Idade	Graduação	Pós Graduação	Tempo de magistério	Área de atuação	Função que exerce atualmente	Esfera que atua
Antônio	34	Psicologia	Especialização	5 anos	Ensino Superior	Professor Assistente	Particular
Cinthia	50	Pedagogia	Psicopedagoga, Mestrado em Educação	25 anos	Ensino Superior	Docente	Particular
Janaina	34	Pedagogia, Administração	Psicopedagoga, Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Meio Ambiente	14 anos	Ed. Infantil	Direção	Rede Estadual
Ilda	54	Pedagogia	Psicopedagoga, Alfabetização e Letramento, Mestrado em Educação	28 anos	Ed Infantil	Psicopedagoga	3º setor
Clara	47	Letras	Mestrado Profissional	20 anos	Ensino Fundamental I e II	Professora de Português	Rede municipal
Ivone	53	Pedagogia, Ciências Biológicas	Literatura, Mestre em Linguística Aplicada	20 anos	Ed Infantil	Coordenadora pedagógica da Educação Infantil	Rede Municipal
Karla	37	Letras	Literatura	19 anos	Ensinos Fundamental e Médio	Professora/ Coordenadora	Rede Municipal
Noemia	24	Pedagogia, Biblioteconomia	Especialização em Ciências Sociais e Intelectualidade: Ciência, Educação e Política	Nunca atuou	--	Bibliotecária	--

Fonte: Próprio autor.

Realizamos uma leitura criteriosa das narrativas dos participantes com vistas a analisar as experiências formadoras. Um sobrevoo inicial permitiu-nos observar que os participantes da pesquisa, não só narraram acontecimentos biográficos, mas exerceram um trabalho sobre eles, por meio de processos reflexivos, que resultaram em construção de sentidos para o que viveram, incluído em suas narrativas os impactos sentidos em seus itinerários biográficos.

Após sucessivas aproximações, optamos por analisar as narrativas a partir de três entradas. A primeira delas nos possibilitou observar as experiências formativas procurando detectar em que contextos foram vividas. A segunda nos permitiu acessar a dimensão simbólica das experiências, favorecendo a compreensão de que as aprendizagens experienciais afetam os indivíduos, comportando emoções e paixões. Por fim, encaminhamos nosso olhar para possíveis reconfigurações na paisagem biográfica dos participantes.

CONTEXTOS EM QUE FORAM VIVIDAS AS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Observamos que todas as experiências formativas que marcaram os participantes aconteceram em instituições destinadas à aprendizagem. Algumas foram vividas no papel de aluno, no caso de Janaína que relatou uma experiência no Ensino Fundamental, de Antônio, Noêmia e Karla que descreveram experiências ocorridas na Graduação e de Ilda e Clara, que se referiram às experiências na Pós-Graduação. Quanto à Cinthia e Ivone, se distanciaram dos demais ao focarem experiências vividas como educadoras.

Inicialmente observamos que o pano de fundo das experiências relatadas tinha sido instituições educacionais. No entanto, ao nos aprofundarmos um pouco mais, constatamos que apesar de estarem de algum modo relacionadas a essas instituições, não eram aquelas previstas nos currículos. O que vai ao encontro do que dizem Alheit e Dausien (2006, p. 177)

Certamente aprendemos na escola e também na universidade e nos estabelecimentos de formação, mas mesmo nesses lugares instituídos de formação e de aprendizagem, o que aprendemos de verdadeiramente importante, frequentemente, não tem nada a ver com os programas oficiais.

Debruçando-nos sobre as experiências, constatamos que Janaína foi marcada por uma experiência vivida no Ensino Fundamental: *Quando estava na 2ª série (atualmente 3º ano) a professora ter compartilhado com toda a turma que eu havia feito uma reclamação dela para a orientadora. Naquele momento, todo o grupo ficou contra mim (Janaína).*

Algumas experiências ocorreram quando os colaboradores da pesquisa cursavam a graduação. Noemia, por acaso, estava na sala de aula da graduação quando recebeu uma notícia que a desestabilizou e provocou mudanças em sua vida: *Minha mãe me ligou e estava na companhia de meu irmão mais velho e meu pai. Eles me disseram que devido ao descolamento de retina, meu pai nunca mais voltaria a enxergar.*

Antônio também cursava a Graduação, mas sua experiência se diferencia da de Noemia: *Ao sintonizar a velha TV [...] vejo a triste notícia que o único campus em funcionamento onde eu estudava da minha universidade estava sendo interditado judicialmente pelo MP e pelo MEC.*

Por sua vez, Ivone faz menção à Pandemia: *Eu me lembro do processo formativo intenso que vivenciei com a pandemia causada pela Covid-19. Com as escolas fechadas me vi presa em casa em função do isolamento social, situação nunca vivenciada até então.*

O que aproxima essas experiências não foram os contextos em que elas foram vividas, mas o fato de que se as olharmos na perspectiva da sociedade hedonista que prevalece na contemporaneidade, elas seriam consideradas negativas. No entanto, foram vistas pelos narradores como situações formativas, o que nos leva a crer que apesar delas os terem desorganizado num primeiro momento, puderam aprender com elas. Trata-se de uma experiência de aprendizagem, que toma sentido dialogando com diversas conexões e áreas da vida social.

Concordamos com Boutinet (1999, p.191) que diz frente às situações limites é necessário desenvolver novos recursos:

Estes permitem conferir um outro sentido à existência, reorganizando para si prioridades que escapam ao que é então apercebido como essencial. Estes recursos imparciais descobertos em si aumentam, pelo menos momentaneamente, os limites que se pensavam ser os das suas próprias capacidades de resistência. Assim, o momento traumatizante, pelo desenvolvimento de estratégias adequadas, poderá ser vivido no modo kairós, da oportunidade susceptível de libertar esta famosa energia invisível,

Dessa forma, pudemos perceber que as situações limites provocam rupturas, mas também permitiram saltos, quando os indivíduos ampliam seus repertórios e suas aprendizagens

Por outro lado, Karla relata uma experiência que a encantou logo no primeiro dia de aula: fomos recepcionados e surpreendidos por uma ação artística (ao invés do famoso trote), organizada pelos alunos do curso de Letras que compunham um grupo de teatro chamado Os marmotas". Ao contrário das anteriores, a experiência de Karla foi marcada pela alegria.

Isso nos aproxima do pensamento de Snyders (1988, p.14), que propõe a presença da alegria na escola: "a satisfação que minha escola procura é uma satisfação capaz de transformar os alunos; não ousou falar de iluminação, nem de inspiração; e, no entanto, ir em direção a uma grande obra, uma excelência, é bem uma iniciação". Realmente Karla viveu um momento iniciático que marcou e forjou sua relação com a Universidade e com o teatro, que futuramente se tornou o tema de sua dissertação.

Depreendemos que o grande contexto de aprendizagem é a vida. É ela que nos põe em movimento e nos move a fazer transições. Como dizem Alheit e Dausien (2006, p. 191): "Os universos de aprendizagem estão inscritos nos mundos-da-vida que se desenvolveram historicamente e que são o resultado de uma "produção" biográfica interativa". O que nos leva a reconhecer a importância dos contextos nos quais as aprendizagens ocorreram, que se relacionaram com necessidades ou desafios enfrentados pelos narratários. Além disso, a forma como as memórias formativas foram acessadas num processo de ir e vir no tempo trouxe novos significados aos múltiplos aspectos que envolvem as experiências.

O NÍVEL SIMBÓLICO DAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Os participantes da pesquisa mostraram que as aprendizagens, via experiência, podem assumir diferentes faces, no entanto, se aproximam por afetarem os sujeitos e provocarem diferentes emoções. Elas se irrompem na vida de alguém e podem ser descritas como:

O instante-revolução, o instante ruptura, o instante-nunca-de-novo. Seguramente, quem viveu esse instante pode tentar contá-lo. Sabe que o que acontece de importante acontece num instante, num átimo de segundo, na menor fração inimaginável do tempo. Sabe que depois desse instante nada mais será como antes, nunca mais. (MARONI, 2001, p. 21)

A vida cotidiana é composta por inúmeros acontecimentos, sendo que muitos parecem ficar no campo lateral da visão e instantaneamente desbotam, enquanto outros brilham com intensidade e se imbricam na consciência por mais tempo e mesmo quando se deslocam do centro para regiões mais periféricas estão disponíveis para retornar quando a memória é ativada.

Os relatos das experiências dos participantes nos encaminharam para uma questão que merece ser destacada nas pesquisas que se pautam em narrativas. Ao produzir sentidos para suas experiências, os narradores

puseram à mostra o nível simbólico das mesmas. Fernández (1991 p.74) nos ajuda a compreender que: “o nível simbólico é o que organiza nossa vida afetiva e a vida das significações. A linguagem, o gesto, os afetos agem como significados ou como significantes, com os quais o sujeito pode dizer como sente o seu mundo”

Assim, o mundo simbólico engloba afetos, emoções e paixões, nos singulariza e nos diferencia. Larrosa (2002 p. 26) falando da experiência nos ajuda esclarecer um pouco mais o que observamos em nossa pesquisa.

Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

A experiência, requer uma ordem de reflexão que inclui a paixão, produzindo um saber novo que não se reduz a explicações objetivas, verdadeiras e absolutas, mas que se abre a interpretações subjetivas.

A maioria dos relatos dos participantes fazem menção às emoções desencadeadas ao viverem acontecimentos biográficos marcantes. Janaína ao se ver exposta pela professora frente a classe, expressou como se sentiu nessa situação: *“O sentimento de solidão foi me tomando, e senti que era muito errado reclamar, eu havia traído a confiança de alguém que se colocava naquele momento como alguém que gostava de mim”*.

Enquanto Antônio comentou que ao descobrir que seu Campus havia sido interditado: *“Lembro-me de sentir-me arrasado com aquela imagem e ter a sensação de todo um esforço perdido, sem significado”* Ilda diz ter superado o medo de se envolver com pacientes após ter conversado com um professor que a escutou: *“Naquela noite, eu voltei outra para casa e nunca mais sequer pensei nesse medo que eu tinha”*.

Clara, ao descrever sua experiência de fazer mestrado conclui: *me deparei com muitos percalços, desafios, crises, mas, por fim, superações das adversidades com as quais tive que lidar!* Apesar de ter sido difícil, Clara percebeu que a vida aproxima pares de opostos como sofrimento e alegria, crises e superação, e ao olhar o caminho percorrido pode dizer que valeu a pena.

Karla relata com emoção a experiência que a aguardava ao entrar na universidade: *Foi ali que eu conheci o professor que mudaria para sempre minha percepção sobre educação. Um mês depois eu já havia me tornado “uma marmota” e, aqui, o teatro entrará definitivamente para minha vida.*

Ivone, coordenadora pedagógica na educação infantil, se viu frente ao desafio de desenvolver trabalhos pedagógicos com bebês e crianças durante a Pandemia. Com muita paixão dedicou-se a essa tarefa buscando ajuda de diferentes maneiras, por fim ingressou numa comunidade de aprendizagem que abriu portas para inúmeras possibilidades. Pode compartilhar com os professores suas aprendizagens e disse: *Foi gratificante ver a sensação de dever cumprido ao saber que as crianças recebiam os jogos e brincavam em casa. Também foi triste receber relatos delas sobre algumas crianças que não tinham nenhum acesso digital aos jogos e materiais enviados pela escola.*

As experiências relatadas, por terem afetado os narradores, foram interiorizadas e passaram a fazer parte de suas subjetividades o que permitiu que fossem acessadas durante a pesquisa.

Para Boutinet (1999) o tempo vivido não é linear e monótono, talvez pudesse tê-lo sido nas sociedades ditas industriais, mas não nas contemporâneas, pois falamos de fluidez (BAUMAN, 2007). Assim sendo, torna-se difícil pensar em trajetórias lineares, o que nos leva a pensar a vida como um itinerário espiralado que comporta avanços e recuos, momentos de rupturas e de reestruturação. Entre a ruptura e a reestruturação existe o tempo de transição no qual o indivíduo pode descobrir um espaço potencial, com vistas a uma nova reestruturação subjetiva.

Como afirma Delory-Momberger (2012, p. 79), as experiências mobilizadoras e transformadoras: “se produzem num lapso de tempo relativamente curto, mas que têm efeitos duráveis e afetam, de maneira determinante as presunções do indivíduo sobre o mundo”.

Pudemos observar que os participantes da pesquisa fizeram transições a partir de suas experiências, o que provocou que se reconfigurassem subjetivamente. Antônio ao circundar sua experiência diz: *Hoje, quase a se completarem 10 anos de colação de grau, tenho plena convicção que a última turma de psicologia da São Marcos formou mais do que psicólogos [...] formaram-se pessoas, formaram-se humanos*. De acordo com Boutinet (1999), frente a uma situação de crise o indivíduo pode sair diminuído ou ampliado, mediante dos seus próprios recursos e dos disponibilizados pelo contexto. O depoimento de Antônio nos leva a crer que ele e seus colegas descobriram saídas para enfrentar a situação em que se encontravam.

Por sua vez, Clara retomando a experiência que foi realizar o mestrado, distinguiu-a como uma possibilidade de autoconhecimento. Para ela: *o ganho da experiência dessa formação veio na percepção que tenho hoje sobre mim mesma: poder me auto avaliar, refletir sobre meus limites, olhar-me “no espelho”; quantos de nós aceitamos sair da “zona de conforto” de nossas vidas? Pois é, eu saí e me orgulho de ter feito essa escolha!* Foi capaz de se olhar no espelho e se ver nas suas capacidades como também nas suas incapacidades e pode construir um sentimento de identidade com base no que viu e viveu.

Por sua vez Cinthia relatou que: *Diferente do que eu imaginava, foi essa experiência que me apresentou para esse contexto, de ser professora das classes hospitalares, e não muitos anos depois, quando entrei numa pediatria e me deparei com o ensino dentro do hospital*. Com base na experiência como voluntária, Cinthia passou a dedicar-se ao tema da educação hospitalar. Inicialmente, coordenando cursos de especialização em classes hospitalares, que a fizeram buscar a Pós-graduação resultando em uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado em andamento.

Assim como Cinthia, Karla teve seu projeto de vida profissional e acadêmico inspirado na experiência que relatou: *Foi ali que eu conheci o professor que mudaria para sempre minha percepção sobre educação. Um mês depois eu já havia me tornado “uma marmota” e, aqui, o teatro entrará definitivamente para minha vida. Concordamos com Dominicé, (2006 p. 350) ao dizer que; “A formação pode intervir como retomada do curso da vida”*.

Noemia por sua vez, frente a deficiência de seu pai, se viu compelida a fazer algo por ele e pelos que como ele não podiam enxergar. Como bibliotecária constatou que: *as bibliotecas universitárias de minha instituição não possuíam meios de acessibilidade para pessoas com deficiência. A partir dessa observação, resolvi desenvolver um artigo que tratava sobre as Políticas Públicas de acessibilidade*. Elas, como os outros participantes, buscaram uma saída para que pudesse ajudar seu pai que se tornara cego.

Por sua vez Ivone relatou que: *Por meio de pesquisas na internet me encontrei virtualmente com um generoso professor do Rio de Janeiro que estava com um projeto de uma comunidade acadêmica virtual que se ajudavam na produção, leitura, revisão e publicação de textos científicos. Ingressei nessa comunidade e para minha surpresa me aproximei das estruturas dos textos acadêmicos e produzi artigos que foram publicados em livros digitais, planejei e desenvolvi palestra por meios digitais em congressos, me conectei com pessoas das diversas regiões do Brasil e criei parcerias na elaboração de um Blog: Didática na prática.*

Podemos constatar que as experiências marcantes impulsionam os indivíduos à mudança, Ivone, como alguns outros participantes, destaca a importância de suportes formadores para que durante a Pandemia pudesse reinventar sua prática de coordenadora pedagógica. Devido à situação inusitada, esses suportes não estavam prontamente disponíveis, o que a levou a traçar uma rota que envolveu buscas e escolhas. Tateando, encontrou companheiros que como ela estavam descobrindo novas maneiras de organizar suas práticas pedagógicas, assim sendo, conseguiu dar continuidade ao seu trabalho de forma criativa.

Observamos que tais experiências, agregadas de sentido, vão proporcionar uma transformação criativa dos modos de viver e pensar o mundo e também da realidade que nos cerca.

Depreendemos que as aprendizagens narradas pelos participantes foram oriundas de contextos informais e não formais, que se deram por meio de experiências marcantes de suas vidas, impactando em seus processos de formação, o que nos leva a concordar com Alheit e Dausien (2006). Analisando as narrativas, identificamos ambientes virtuais, sala de aula, campus universitário, escola, etc. como locais onde as aprendizagens ocorreram por meio das experiências, extrapolando as noções de tempos e espaços, permeando a vida dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Propusemos como objetivo analisar as narrativas de educadores que participaram de um ateliê de pesquisa/formação, no qual foram estimulados a narrar experiências que marcaram seus processos formativos. Apoiamo-nos em Larrosa (2002) para dizer que a experiência não se trata de um acontecimento qualquer, por ser algo que nos toca e nos afeta provoca uma interrupção e requer uma elaboração, o que faz com que algo do mundo externo se situe internamente e se inclua nas ideias nos sentimentos, enfim que faça parte de saber de alguém.

Partimos do pressuposto que a pesquisa com narrativas se apresenta como método e objeto de pesquisa e nesta perspectiva se propõe a recolher experiências de forma a acessar a interioridade dos sujeitos visando a compreender os processos de constituição de suas subjetividades.

As narrativas de vida, por outro lado, podem se apresentar como dispositivo de formação, ao abrirem espaços para que os sujeitos realizem um trabalho reflexivo sobre si mesmos, permitem que as experiências vividas sejam organizadas de modo a integrarem-se à consciência, clarificando formas de ser no mundo de cada um.

Para nos aproximar das experiências formativas dos participantes utilizamos três entradas: os contextos em que foram vividas; a dimensão simbólica das experiências e as reconfigurações provocadas nas paisagens biográficas. A análise dos contextos em que as experiências se assentaram permitiu compreender que apesar de estarem relacionadas com instituições de ensino, não estavam implicadas apenas com aprendizagens curriculares, mas como o contexto do mundo da vida, em meio a práticas e interações sociais diversas.

Além de descreverem suas experiências formativas, os participantes da pesquisa refletiram sobre o vivido expondo como foram afetados por elas, para isso evocaram emoções e sentimentos. Assim sendo, foi possível observar que ao narrar suas experiências eles articularam as dimensões lógica que se pauta na objetividade e a simbólica que procura o singular, o original de cada um, possibilitando as significações pessoais que diferenciam os sujeitos.

As experiências formativas relatadas assumiram um caráter existencial, ao se imbricarem na vida dos desencadeando processos de transição e de reconfiguração das paisagens biográficas de cada um. Alguns relataram mudanças em seu mundo interior como Antônio e Clara que consideraram ter crescido ao vivenciá-las, outros, falaram de redimensionamentos que deram à suas vidas profissionais, como Karla e Cinthia. Por sua vez, Ilda pode se relacionar com seus pacientes com mais tranquilidade. Enquanto Janaína, talvez por ter vivido suas experiências enquanto era criança, mostrou não ter tido recursos para ressignificá-la. Só aprendeu que não podia reclamar e a ficar calada.

O itinerário de pesquisa abriu espaços reflexivos que nos permitiram pensar a respeito da formação. Fomos levadas a crer que narrativas de vida se constituem numa chave potente para a formação, na medida que elas se tornam fontes de aprendizagens. Antes de mais nada o narrador é chamado a organizar suas experiências e mesmo sem ter consciência, cada um seleciona aquelas que mais impactaram sua trajetória fazendo com que vivências antes desconectadas, sejam articuladas em uma narrativa e se incluam no plano da consciência.

Essa ação sobre si mesmo desencadeia processos complexos de significação e interpretação que questionam os quadros de referência até então utilizados para balizar a vida, favorecendo a produção de novos saberes singulares que por si só provocam novas orientações biográficas, assentadas em uma maior autonomia adquirida com base no autoconhecimento.

REFERÊNCIAS

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagem ao longo da vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.1, p.177-197, jan./abr. 2006.

BAUMAN, Zigmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOHNSACK, Ralf. **Pesquisa Social Reconstitutiva**: introdução a métodos qualitativos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BOUTINET, Jean-Pierre **A imaturidade da vida adulta**. Porto: RÊS- Editora, 1999.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, p. 523-536, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DOMINICÉ, Jean-Pierre. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n2, p 345-357, maio/ago. 2006.

DOMINICÉ, Jean-Pierre. **A imaturidade da vida adulta**. Porto: RÊS, 1999.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. **Como nasce um professor?** Uma reflexão sobre o processo de individualização e formação - São Paulo: Paulus, 2003.

FURLANETTO, Ecleide Cunico; POSSATO, Beatriz. A especificidade da atuação do coordenador pedagógicos e a formação: narrativas de experiências. In: ALMEIDA, Laurinda Ribeiros; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; (orgs). **O coordenador pedagógico e seus percursos narrativos**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal, RN; EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.

MACEDO, R. S. Implicação, autorização e standartização curricular: a formação de professores como re-existência. **Revista e-Curriculum**. São Paulo. v.13. n.4. out./dez., 2015.

MARONI, A. **Figuras da imaginação**. São Paulo: Summus, 2001.

MÉHAUT, Philippe. Formação ao longo da vida. In. **Dicionário de Educação**. Coordenação: Agnes van Zanten. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto (trans) formador. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021.

SNYDRES, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.